

DESENCADEIA

Uma visão dos trabalhadores e trabalhadoras sobre as prisões cearenses



EDITORAL

UMA REVISTA DE TRABALHADORES(AS) SOBRE O CÁRCERE

Bem-vindas(os) à Revista Desencadeia, órgão de expressão abolicionista da FOB do Ceará, um espaço dedicado à crítica do aprisionamento e à promoção de reflexões sobre a possibilidade de um mundo sem prisões. Nossa revista busca amplificar as vozes das pessoas diretamente afetadas pelo sistema de justiça criminal e suas infernais prisões, trazendo opiniões, experiências e histórias de resistência contra as opressões do sistema prisional e socioeducativo.

Através de entrevistas com familiares e sobreviventes do cárcere, além de conteúdos culturais e a opinião classista e popular da FOB do Ceará, buscamos enfrentar a herança colonial das prisões de nosso tempo, sejam em centros socioeducativos, cadeias, comunidades terapêuticas ou manicômios judiciários. É preciso fechar, não abrir mais prisões.

Desencadeia é mais do que um espaço de ideias: é um instrumento de luta e conscientização das e dos oprimidos, comprometido com a causa popular por justiça e liberdade.

As prisões são um esquema racista de dominação que oprime o povo pobre e trabalhador, perpetuando as injustiças do sistema capitalista. Por ser um “esquema”, podemos enfrentá-lo e desfazê-lo!

É importante lembrar que o sistema prisional não afeta não apenas os(as) presos(as), mas também seus familiares, em sua maioria mulheres que, apesar de todas as dificuldades e humilhações impostas pelas autoridades do Estado, continuam a visitar e garantir o apoio nos complexos penitenciários e socioeducativos. E cada vez mais são encarceradas por crimes inventados pela lógica conservadora e racista dos ricos e poderosos.

Somos abolicionistas também porque compreendemos que nunca houve, de fato, a libertação negra no Brasil. O sistema de justiça criminal e suas prisões perpetuam as senzalas do passado, oprimindo e matando aos poucos as pessoas afetadas pelo cárcere nos dias atuais.

A população carcerária no Ceará, assim como no restante do Brasil, é composta majoritariamente por jovens, negros e negras, pessoas humildes e pobres. Esse “perfil” reflete as desigualdades sociais e a opressão racial e sexista que é a lógica de ser do sistema de justiça criminal.

A repressão e o encarceramento devem ser enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras, e por todo o povo em nossas comunidades. Devemos nos conscientizar contra a lógica punitivista do sistema prisional que, por natureza, é viola os direitos humanos, potencializa a violência e aprofunda as desigualdades sociais, sobretudo de raça, classe e gênero.

Por isso, dizemos, o povo oprimido não está só nessa tarefa histórica, a Comissão Abolicionista da FOB do Ceará, a Desencadeia, faz amplo convite para esforços em direção da conscientização do povo contra a tortura e a violência praticada pelos poderosos, que ambicionam o aumento do aprisionamento do povo, e não sua libertação das opressões.

NO MÊS DE ZUMBI: ORGANIZAR A RADICALIDADE PELA ABOLIÇÃO DAS PRISÕES E DE TODAS AS SENZALAS!

NESTA EDIÇÃO:

EDITORIAL - Uma revista de trabalhadores(as) sobre o cárcere | **NO FOCO** - A política prisional do Governo Elmano em 2024 | Adpf 347 – a reforma impossível do sistema prisional brasileiro | Malote: nenhuma confiança no Estado! | **A ENTREVISTA** - Pedro: Sobrevivente do Cárcere | **PRISÕES POLÍTICAS** – Liberdade para o Professor Adriano | **RELATO** - Socioeducação para quem? Relato de uma professora cearense | **TERRORISMO DE ESTADO** – Justiça por Mayane | **DENÚNCIA** - Tortura longe das câmeras na UP Itaitinga 4. **INTERNACIONAL** - A Voz dos Presos Advogados convoca ações abolicionistas nos Estados Unidos | **CULTURA** - Cárcere das Almas, poesia de Cruz de Sousa.



A POLÍTICA PRISIONAL DO GOVERNO ELMANO EM 2024

Desencadeia - Comissão Abolicionista Penal da FOB CEARÁ

[...] cada dia de visita é um dia de aflição. Na saída, as conversas assimilam os relatos de maus-tratos e torturas praticadas nos excessivos procedimentos realizados por elementos da polícia penal.

A política de governo de Elmano de Freitas (PT) no Ceará tem sido marcada pela continuidade da doutrina policial e de maus-tratos no sistema prisional, modelo inaugurado pelo ex-governador Camilo Santana (PT). Essa doutrina contradiz de forma decisiva o discurso institucional de uma gestão voltada para a “ressocialização”. Regras injustas impõem que poucas pessoas tenham acesso a vagas de emprego e estudo, enquanto a violência praticada por autoridades é diária, mesmo quando deveriam zelar por uma custódia digna.

■ ESTADO CONDENA E VIOLA DIREITOS

O silêncio é uma das formas de matar, e o Estado condena o(a) preso(a) e seus familiares ao silêncio de suas justas reivindicações. A realidade, bem conhecida por familiares e sobreviventes do cárcere, inclui filas sob o sol, cancelamento de visitas sem explicações e todo tipo de opressão e humilhação. A desumanização é evidente no tratamento dado aos familiares, que são recebidos com desconfiança e preconceito desde as primeiras horas após a notícia da prisão de um familiar. Por isso cada dia de visita é um dia de aflição. Na saída as conversas assimilam os relatos de maus-tratos e torturas praticadas nos excessivos procedimentos realizados por elementos da polícia penal.

Apesar das frequentes denúncias sobre os abusos das autoridades estatais, a política prisional do governo Elmano revela uma face reacionária e repressiva contra o povo mais pobre, especialmente ao investir em prisões e mais polícias. Isso fica expresso na sua continuidade das doutrinas do ex-governador Camilo

Santana, administração alvo de denúncias do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura e do Conselho Nacional de Justiça. Tortura é intolerável e não existe justificativa para a manutenção da administração penitenciária idealizadora dos procedimentos injustos e violentos, e das sofisticadas técnicas de maus-tratos de fome, sede, ociosidade e castigos praticados contra a população prisional cearense.

Em uma cena política, a primeira seleção pública do Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura foi realizada, mas até agora não houve notícias sobre a posse e a implementação efetiva de um sistema estadual que já nasce com poucos recursos e fragilidades institucionais, diante da supremacia da visão punitivista e policial no sistema penal.

A gestão de Elmano não tem alterado de forma substancial a realidade de tortura e maus-tratos dentro das prisões. As condições desumanas se estendem também aos familiares dos(as) presos(as), que sofrem com a opressão do sistema prisional durante as filas, nas visitas e nos momentos de aflição na busca por notícias ou por justiça. A negação de informações sobre a saúde e a localização da pessoa presa afeta a saúde mental de familiares que sabem das práticas opressivas e violadoras que ocorrem nos complexos penitenciários.

■ NENHUMA VAGA A MAIS!

A política de criação de mais vagas no sistema prisional, em vez da busca para a redução do encarceramento, é equivocada e favorece o aumento da violência em nossas comunidades. Recentemente, o governo anunciou a criação de mil novas vagas no regime semiaberto e a adoção do modelo comercial da APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados), favorecendo os setores reacionários e coniventes com as políticas repressivas e punitivistas. Investir em prisões resolve os problemas estruturais do sistema prisional e apenas perpetua a lógica punitivista e criminaliza o povo pobre e trabalhador.

Isso porque em nossos bairros e comunidades passamos a conviver cada vez mais com a violência estatal, que promove operações policiais enquanto convivemos com a falta de assistência básica em emprego, renda, saúde e educação. Ao fortalecer as guerras da segurança pública contra nossas comunidades, o governo

perpetua a marginalização e a opressão em vez de promover os direitos essenciais das populações carentes do básico para viver.

Na realidade, o governo tem investido excessivamente em mais polícias, resultando em maior repressão e aumento do encarceramento. Essa política de segurança pública, que foca na expansão do aparato policial, não resolve os problemas estruturais da criminalidade e apenas agrava a situação, aumentando a população carcerária e perpetuando o ciclo de violência e exclusão social.

Para construir um caminho organizativo abolicionista e que não tenha a prisão dos poderosos como forma de solucionar os conflitos, é fundamental repudiar e organizar a luta popular contra as medidas repressivas e encarceradoras do governo Elmano. Somente através da mobilização e da resistência coletiva poderemos enfrentar e dismantelar as estruturas punitivistas que perpetuam a violência e a exclusão social. _____

ADPF 347 - A REFORMA IMPOSSÍVEL DO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO



O Plano Pena Justa foi motivado pelo reconhecimento das condições infernais das prisões e da constatação do Estado de Coisas Inconstitucionais, após décadas de denúncias de violações e torturas. Vivemos em um contexto de recrudescimento penal e criminalização da pobreza e das lutas democráticas e populares. Nesse momento, devemos denunciar a repressão estatal

fascista que criminaliza movimentos e familiares, e que, há mais de duas décadas, intensifica a guerra às drogas, contribuindo para a superlotação das prisões e a violência nos territórios. As prisões são uma herança colonial que perpetua o poder dos ricos. Por isso, a FOB defende que os movimentos populares devem se mobilizar, criando espaços de construção para enfrentar e dismantelar a estrutura racista e opressiva do sistema prisional brasileiro.

À LUTA CONTRA O RACISMO DE ESTADO: NENHUMA VAGA A MAIS!

MALOTES NENHUMA CONFIANÇA NO ESTADO!

A proibição da entrega feita por familiares ocorre em um contexto de reiteradas denúncias de violações de direitos humanos, o que levanta sérias preocupações sobre a transparência desse novo procedimento.

A Comissão Abolicionista da FOB do Ceará expressa sua posição crítica em relação à recente medida da administração penitenciária do Ceará de realizar a entrega exclusiva de produtos de higiene aos custodiados(as) pelo Estado. A proibição da entrega feita por familiares ocorre em um contexto de reiteradas denúncias de violações de direitos humanos, o que levanta sérias preocupações sobre a transparência desse novo procedimento.

Familiares têm relatado que, frequentemente, os malotes contendo produtos de higiene não são entregues, o que representa um grave risco à saúde e à dignidade. A falta de acesso a itens básicos de higiene e limpeza sanitária é uma forma de tortura e uma violação de direitos humanos fundamentais. A Comissão Abolicionista destaca que a entrega inadequada agrava as condições desumanas já presentes no sistema penitenciário cearense, palco de violência institucional e racismo institucional.

É essencial que a administração penitenciária seja transparente de uma vez por todas. O argumento de que a proibição da entrega de malotes por familiares resulta em economia é apenas propaganda. Devemos questionar se essa medida justifica a continuidade da entrega de lençóis, colchões e toalhas, que ainda devem ser fornecidos pelos familiares. A ‘economia’ não deve ser alcançada às custas dos direitos humanos e da dignidade dos(as) presos(as).

Diante desse cenário, a Comissão Abolicionista da FOB do Ceará defende que a medida deve ser vista com desconfiança e que os esforços de fiscalização devem ser redobrados. É imperativo que haja um compromisso permanente com as famílias e presos(as) para garantir que os direitos básicos sejam respeitados e que os produtos de higiene e limpeza sejam efetivamente entregues.

A ENTREVISTA

PEDRO - SOBREVIVENTE DO CÁRCERE

Pedro compartilhou sua experiência de detenção, destacando o tratamento recebido e as dificuldades enfrentadas no sistema prisional



Ele expressou preocupação com o tratamento desigual dos presos ao ingressar no sistema, ressaltando que a experiência é negativa. Além disso, mencionou que as visitas aos familiares são limitadas e a entrada de suprimentos é restrita, o que agrava a situação na prisão.

DESENCADEIA - Depois que você foi preso te levaram para onde? Passou quanto tempo esperando? Te bateram? Você entrou em contato com algum familiar pra informar o que tinha acontecido?

Primeiramente, depois que eu fui preso, fui levado lá para a delegacia metropolitana de Caucaia, porque antes de eu ir para a cadeia, fui para a delegacia da área onde eu morava, na Iparana. Eu passei 4 horas levando uma surra dos policiais, apanhando na cara e sendo torturado com um saco d'água na minha cara. Eu estava ali em cima de um bocado de pedras, eles me batiam tanto, estava algemado de mãos para trás, me batiam e colocavam um saco d'água umas 4 a 5 vezes na minha cabeça. Fui levado para um quartinho, me trancaram lá e me torturaram. E aí, de tanto eles bateram em mim, que já ia dar 8 horas da noite, porque eu comecei a apanhar era 4 horas da tarde e eles querendo saber de mais coisas e eu não falava. Aí foi onde eles me levaram lá para a delegacia de Caucaia. Eu passei uns 4 dias detido na Delegacia de Caucaia e depois fui transferido para o presídio do Carrapicho, que também fica na Caucaia. E chegando lá não foi um tratamento bom, porque quando a gente entra no sistema, a gente vê cada coisa.

E assim, tipo, quem recebe bem você, é só o preso mesmo, entendeu? Chega lá, pergunta de onde é que você é, se está precisando de alguma coisa. Aí quando vem a visita, que às vezes é difícil também, quando há um suprimento lá fora, ela traz as coisas, algumas entram, mas outras não. Isso é difícil, não tem como você explicar porque quando entra, muda totalmente o que eles falam lá. Preso tem que ser assim mesmo, tem que ter um tratamento para o homem e um tratamento para o pirangueiro.

Como foi a sua vida dentro da prisão? O que mais te marcou? Você tinha acesso à comida, médico ou estudo na cadeia? Como era isso?

O tratamento lá dentro também não é dos melhores. Na questão médica, toda segunda-feira tinha os médicos lá para os presos serem levados, só que não levavam todos, só levavam alguns que estavam para morrer mesmo. Eles não levavam se tivessem só com uma gripezinha, febre ou dor de cabeça, eles davam só um paracetamol ou dipirona e pronto. E sobre a comida, eles ofereciam também uma comida de má qualidade, que não tinha sustância nenhuma, feita de qualquer jeito né? Quando a comida chegava, todo mundo corria pra cima, morrendo de fome. Aquela fome, aquela sede de comer, mas quando a pessoa ia comer, a gente encontrava era bicho dentro. A comida vinha estragada, cheia de bichos, a gente nem comia, fazíamos era tipo como se fosse um mutirão. Passávamos de cela em cela, perguntávamos quantos presos tinham, aí distribuíamos um ou dois pães pra cada. Pedíamos também um pacote de refresco em pó e fazíamos tipo uma merenda pra todos os presos. E tipo assim, a janta era quase do mesmo jeito. Eles pegam o resto do que sobrou do almoço e misturam aquele angu, botam naquentinha e mandam de novo pros presos. Somos tratados como um bicho lá dentro, entendeu? O que me marcou muito também lá dentro, foram as muitas mortes que presenciei. Eu via presos sendo cortados, mortos e decapitados na minha frente, né? Eles deitavam o preso no chão, já morto, e começavam a cortar com a faca, que faziam lá mesmo das grades, e jogavam os restos mortais dentro da privada ou então na hora do banho de sol. Era muito sofrimento,

entendeu?

E

->



em questão de estudo, lá só quem tinha direito de ter mais estudo era o povo que eles chamavam de duzentão.

Eles que tinham mais acesso ao presídio para estudar, fazer aqueles origamis, tipo um pato ou uma estrelinha de papel, um bocado de coisa que eles faziam lá. Quem tinha mais direito eram eles, quem era das ruas A, B, C e D não tinham esse direito não, só as ruas E e F que tinham esse direito de descer para fazer alguma coisa lá dentro.

Você passou por alguma situação de humilhação ou violência dentro da prisão? Como isso te afetou?

Humilhação era só o que a gente passava mesmo, entendeu? Por parte tanto dos agentes penitenciários quanto pela SAP, através dos Policiais Penais. A situação era muito difícil, até por causa de alguns presos que se achavam melhores do que os outros, só porque tinham condições melhores. A humilhação era por parte da GAP (Grupo de Ações Penitenciárias), que toda segunda-feira fazia a revisão dos presos, aí eles chegavam logo com ignorância dizendo que se vocês estão aqui, vocês não têm direito de palpar em nada, não tem direito de falar nada, vocês só têm o direito de puxar a cadeia e pronto, porque aqui quem manda é a gente, entendeu? Todo mundo se sentia oprimido ali, só porque usavam uma farda, usavam de abuso de poder da autoridade, falavam muitas coisas, muitas besteiras. Humilhavam até as próprias mães dos presos, chamavam elas e falavam mal dos presos lá na frente delas. Elas sentiam mesmo aquela humilhação e tinham que aguentar calada. Se falassem alguma coisa, eles mandavam os presos pra tranca e tínhamos que passar uns cinco dias lá, com fome, apanhando, sem água e sem nada. Era muito difícil ficar ali e ver aquelas coisas acontecendo.

Quando você saiu da prisão, como foi se adaptar com a vida aqui fora? Quais foram as maiores dificuldades?

A maior dificuldade quando eu saí foi arranjar um trabalho. Porque sempre que eu ia atrás eles perguntavam, né? Você já puxou cadeia? Você tem ficha suja? Aí eu tinha que falar a verdade, que sim. Aí quando a gente falava que sim, que tinha puxado o sistema, o cara dizia que não ia dar certo, porque lá eles só trabalhavam

com cidadão. É isso, ficamos mal visto na sociedade e essa humilhação é diária. E dificilmente quando eles aceitam, acabam pagando muito pouco, uns 200 reais por semana. Alguns aceitam, outros não. Às vezes a pessoa volta para o sistema, volta para o mundo, porque a própria sociedade não dá o direito do preso de ressocializar e trabalhar novamente. Ele quer mudar, quer trabalhar, mas eles não pensam nisso. É ex-preso, então que se lasque! Eu estava parado e consegui trabalho recentemente como egresso na CISP (Centro Integrado de Segurança Pública), junto com a SAP. Eles pegam os presos que ainda estão no semiaberto e colocam alguns pra trabalhar. Era pra eles pagarem todo dia 30, só que eles não pagam. Deixam pra pagar 15 dias depois, ou seja, trabalhamos 45 dias para receber um salário. Às vezes a pessoa já corre para o outro lado porque o aluguel, a água, a luz não podem esperar por esse dinheiro.

Você recebeu alguma ajuda para conseguir emprego ou moradia depois de sair da prisão?

Sim, depois que eu saí da prisão tive a ajuda de um pastor e de outros amigos que me deram uma casa para eu ficar. Eu não encontrava ninguém para me ajudar a conseguir um emprego. Às vezes eu fazia uns bicos quando aparecia. Uns amigos meus que quando eu trabalhava antes de entrar na prisão, eles que me ajudaram quando eu saí. Eu não era pedreiro, mas quando me chamavam pra trabalhar com eles, eu ia. Eu fazia assim uns bicos só pra suprir as necessidades de comprar comida e roupas. Quando a gente entra lá dentro, a primeira pessoa que vira as costas para você é a família. É difícil arranjar um emprego quando você é um ex-presidiário. Isso se torna muito difícil. Quando você sai do sistema para entrar no emprego, você vai sempre receber aquele olhar de rejeição da própria comunidade.

O que te ajudou a superar as dificuldades que você enfrentou na prisão e depois dela?

Eu procurei ajuda com os amigos e familiares para me superar. Só que é difícil você superar uma coisa que você passou, que você viu. Estava ali vendo todo tipo de acontecimento, como mortes, humilhações, presos se matando, batendo uns nos outros e sem você poder fazer absolutamente nada. Até hoje me lembro disso

tudo, né? Me lembro o quanto eu passei ali dentro, lembro da minha família aqui fora, que eles foram os primeiros que viraram as costas pra mim. Uma delas foi a minha irmã, que falou que não ia me ver na cadeia. É tipo assim, a primeira que dá a facada nas costas é a família. E quando eu saí não foi minha família quem me ajudou, entendeu? Foi um amigo distante do lado da minha mãe. Se eu fosse esperar pelo meu pai, irmão ou irmã, eu acho que ainda estaria lá dentro. Até hoje ainda me lembro, né? Mas é difícil a pessoa esquecer o que sofreu na mão de pessoas que se acham autoridades e que se acham que tem todo poder do mundo.

Como a experiência de ter sido preso te afetou em relação a conviver em sociedade e quanto isso impactou tua saúde mental?

A experiência de ter sido preso não é muito boa não. Eu não quero mais isso pra minha vida e é isso que tô fazendo até hoje. Você é mal falado e mal visto pela sociedade. Foi difícil de eu me inserir na sociedade de novo porque eu ficava pensando, como é que eu vou chegar na sociedade eu sendo um ex-detento? Todo mundo me vê de outro jeito, com outro olhar e de outra maneira. Tudo na boca do povo é ex-presidiário. E isso afetou muito o meu emocional, porque eu pensei, não vou nem conseguir trabalho por causa disso, não vou conseguir nada por causa que o povo tem um olhar muito ruim sobre a gente. Eu pensava, agora o que é que eu vou fazer? Ficava doido da vida, sem saber o que fazer. É como se fosse um pesadelo diário, alguns falam que tu não presta e que não serve pra nada. Tive que correr atrás de coisas que eu não sabia fazer para poder começar a trabalhar. Me afetou muito na parte financeira, eu tive que vender salgados para sobreviver, comecei a fazer suco e saía para vender. Mas mesmo assim, o povo ainda me julgava.

Se você pudesse falar com as pessoas sobre a sua experiência o que você gostaria que elas entendessem? Você ficou com algum trauma? Quais seus planos pro futuro?

Tipo assim, a minha experiência que eu tive como um presidiário foi simplesmente lutar para sobreviver, lutar para não morrer lá dentro, porque qualquer vacilo, qualquer coisinha a pessoa já ia para o paredão. E eu gostaria de falar também para as pessoas que pensam em entrar no mundo do crime, que se acham os

valentões, os donos do mundo, que não entrassem nessa vida, porque é uma vida, às vezes, só de ida, não tem volta. Para o futuro eu planejo muitas coisas, eu não quero jamais chegar perto de uma prisão novamente, jamais eu quero estar dentro de uma cela passando humilhação. Eu quero é trabalhar mais e ajudar a minha família, seguindo em frente, não quero mais olhar para trás, não quero mais lembrar das coisas que eu passei, das coisas que eu vi e vivi lá dentro, muita morte, muita decapitação, pessoas sendo mortas, pessoas vivas sendo esfaqueadas, sendo enforcadas, sendo obrigadas a morrer, entendeu? É difícil você chegar assim na sociedade e quando você fala sobre isso o povo pensa que é mentira. Ninguém merece estar lá dentro do sistema passando por coisas terríveis. E ficam lembrando todo o tempo que se estivessem lá fora fariam diferente, fariam as coisas totalmente ao contrário.

Você participou de algum programa de apoio? Como ele te ajudou?

Na verdade, eu nunca participei de nenhum programa desses, nunca participei e nunca fui convidado a participar. Às vezes o que tinha lá dentro mesmo era só o trabalho para a remissão de pena. Você trabalhava e a cada dia que você trabalhasse era descontado na sua pena. Como eu trabalhei muito tempo lá dentro, foi descontado um ano da minha pena porque eu trabalhei muito. Eu ganhei direito ao regime semiaberto e depois fui pro aberto. Eu estou agora nesse projeto do egresso, que já está quase terminando, porque só é para as pessoas que ainda estão pagando a pena e eu já não posso mais trabalhar como egresso porque a minha pena já acabou. Só estou lá até aparecer um trabalho e um rapaz falou que ia me indicar para outro emprego.

Que ano você saiu da prisão? Você cumpriu a pena em qual unidade prisional? Dê suas considerações finais.

Eu fui preso em 2012 e saí em 2016. Passei quatro anos dentro do sistema e o restante da pena fui pagando aqui por fora. Fui condenado a 12 anos, 5 meses e 4 dias. O advogado falava que eu ia passar muito tempo assinando, até 2024. Melhor você assinar aqui fora do que lá dentro, dizia ele. Porque passar 12 anos dentro de uma prisão não é fácil. Eu passei 4 anos e já achei muito, imagine 12 anos. Eu saí sem pulseira até o meu semiaberto, depois passei pelo Carrapicho,

pela CPPL3 e por último pelo Olavo II, onde é o fim de carreira. Eu digo e vou repetir sempre que as coisas ficam muito mais difíceis para quem já foi preso. E eu tô aqui para lutar por todos, pra não deixar isso acontecer mais. Tanto com os presos, como as mães e irmãs dos presos. Muitas mulheres ficam ali sofrendo do lado de fora dos presídios naquele sol quente, sendo humilhada pelos policiais penais. É muito difícil, porque eles descontam tudo nas visitas. Então, eu tenho muito a agradecer a Deus por ter sobrevivido ao cárcere, ter me tirado com segurança, com vida e saúde. E hoje eu estou aqui para contar a história e também lutar por aqueles que estão lá dentro também. Valeu! _____

PRISÕES POLÍTICAS

LIBERDADE PARA O PROFESSOR ADRIANO



O mesmo Tribunal de Justiça de São Paulo, que extinguiu as penas dos PMs envolvidos no massacre do Carandiru, é o mesmo que mantém preso o Professor Adriano Gomes da Silva. O Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e seu secretário de segurança pública, Guilherme Derrite (PL), prenderam arbitrariamente o professor Adriano por um crime que ele não cometeu. O professor é mais uma vítima da perseguição política praticada pelo governo do estado de São Paulo.

Sentenciado a cumprir uma pena de 1 ano em regime fechado por desacato policial, fruto de uma abordagem que sofreu em 2018 durante uma ocupação de moradia do movimento Terra Livre, o professor Adriano foi condenado sem receber nenhuma notificação da justiça de São Paulo. Isso reflete a perseguição política contra trabalhadores que lutam por direitos e garantias sociais, beneficiando a burguesia e afetando diretamente a população pobre.

O professor Adriano já havia sido demitido em 2020 em um processo administrativo disciplinar movido pelo estado, caracterizando um ato repressivo contra trabalhadores que se mobilizam por melhores condições de vida e trabalho. Toda solidariedade e apoio ao camarada que segue preso de forma totalmente arbitrária. Vamos à luta! **Liberdade para o professor Adriano!**

Socioeducação para quem?

Relato de uma professora cearense

...surge a pergunta que tantos me fazem: "Você não tem medo? Os estudantes são agressivos?" Na realidade, o que encontrei foram jovens ansiosos por qualquer atividade que lhes desse algum propósito no dia.

Entrar pela primeira vez em um Centro Socioeducativo é uma experiência impactante para qualquer educador consciente da realidade política e social em que vivemos. Contudo, o espanto vai além dos motivos já conhecidos — jovens privados de liberdade, famílias estigmatizadas, revistas abusivas e o trato desumano por parte dos socioeducadores. O que choca de início são os pequenos detalhes, como os tocos de lápis distribuídos aos estudantes e ações comuns do dia a dia, e a problemática da presença ou ausência do aluno em sala.

Os lápis praticamente inutilizáveis, tão minúsculos que mal podem ser segurados por uma mão adulta. Quando se questiona se não há lápis inteiros, informam que, por "medidas de segurança", não podem fornecer. Esse controle extremo dos objetos nas mãos dos jovens reflete a lógica repressiva e punitivista que permeia o sistema socioeducativo cearense: a imposição de um medo constante, de uma possível rebelião, que na verdade é apenas a voz insurgente desses jovens tentando se levantar contra o regime de obediência e submissão que lhes é imposto. Serem ouvidos e levados em consideração.

Um dia, acompanhada por um socioeducador — ou melhor, por um agente penal disfarçado sob outra nomenclatura —, segui até a sala de aula. E aqui surge a pergunta que tantos me fazem: "Você não tem medo? Os estudantes são agressivos?" Na realidade, o que encontrei foram jovens ansiosos por qualquer

atividade que lhes desse algum propósito no dia. A educação, naquele ambiente, se tornava um raro momento de respiro e de tratamento digno para a expressão de desejos e vontades reprimidas.

O que vivemos nos Centros Socioeducativos é, essencialmente, um treinamento para a obediência, um adestramento para ser útil em uma sociedade organizada para ser desigual, para o cumprimento das regras sociais (im)postas e que excluem. Quando um jovem questiona ou viola uma regra institucional, a resposta é mais punição, muitas vezes por meio de força física, pelas torturas visíveis e invisíveis, pela intimidação ou outras formas de violência coercitiva. Esse mecanismo de repressão se aplica a determinados grupos sociais dentro do sistema — majoritariamente jovens negros e periféricos — que são vistos como potenciais ameaças a uma ordem racista. É o mesmo Estado que não assegura a proteção na infância e nem oportunidades para uma vida digna em liberdade, pois muitos evadem da escola ainda nos anos iniciais da vida escolar. A tortura e a prisão são vistas como uma resposta para “delinquentes” que há muito foram excluídos e apartados dos direitos básicos e essenciais.

Esses jovens, hoje chamados de "adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa", substituindo a antiga expressão "menor infrator", são os mesmos que o Estado historicamente tenta adestrar. No passado, a lógica do Código de Menores partia da premissa de que a "infância e a adolescência em perigo" deveriam ser contidas. Porém, essa noção de perigo sempre foi associada aos pobres, aos negros, aos favelados, e, mais tarde, aos migrantes que trouxeram as ideias sindicalistas revolucionárias das primeiras experiências socialistas da Europa. Era necessário higienizar, moral e politicamente, os espaços públicos para evitar que esses corpos marginalizados ameaçassem a "ordem" das ruas. Em outras palavras, ameaças à boa vida e os lucros dos patrões e poderosos.

Dentro desse espaço de sala de aula de um Centro Socioeducativo, a lista de frequência, revela mais do que ausências. Como pode haver faltas em um Centro Socioeducativo? Os jovens não têm para onde ir, a não ser que estejam doentes. No entanto, haviam faltas em nossas salas. A verdade por trás disso é o controle brutal exercido sobre esses adolescentes. Nós, professores, éramos proibidos de registrar as faltas reais, porque isso significaria confronto direto com os

socioeducadores — agentes do Estado que, muitas vezes, recorrem à tortura para manter a "ordem" nos Centros.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconiza a falsa noção da “ressocialização”, mas o que vemos em prática é a repetição de modelos falhos, como o da FEBEM, agora sob um novo rótulo e parâmetros que falseiam a realidade para tornar viável a sanha punitivista. Ressocializar para quem? Como se pode falar cnicamente em ressocialização se não há atenção às famílias, se não se garante moradia digna, alimentação, ou acesso à educação em liberdade? Como ofertar uma vida digna a um jovem inserido em comunidades que sofrem com a violência policial e armada, sendo o Estado muitas vezes o portador da violência e da negação de direitos básicos?

O Estado, longe de proteger esses jovens, perpetua uma lógica de controle e repressão que remonta aos tempos coloniais, quando a pobreza e a negritude eram vistas como ameaças. Hoje, o governo Elmano dá continuidade a essa política nefasta, mascarando de “ressocialização” o que é, na verdade, uma máquina de moer corpos em prisões para adolescentes. Basta de prisões!

TERRORISMO DE ESTADO



Na madrugada de 10 de setembro de 2024, Ana Mayane dos Reis Severino, de 28 anos, foi assassinada por capangas na Ocupação Deus é Amor, em Fortaleza-CE. O local, com centenas de famílias, havia sido ocupado há 15 dias. A empresa FioTex, dona do terreno, contratou segurança privada para despejar a comunidade sem ordem judicial, resultando no assassinato covarde de Mayane e no ferimento de uma criança. A PM abordou os capangas, mas não agiu efetivamente contra eles, enquanto as famílias sofreram repressão. Em resposta, a

população do Pirambu protestou com barricadas e ocupações de ruas. A Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil (FOB) apoiou a revolta, solidarizando-se com os familiares e amigos de Mayane, e clamando por justiça contra a impunidade dos poderosos.

DENÚNCIA

TORTURA LONGE DAS CÂMERAS NA UP ITAITINGA 4



No final do mês de setembro, o Desencadeia recebeu uma denúncia anônima via familiares. A denúncia é em formato de nota de repúdio. Reproduzimos aqui os principais pontos:

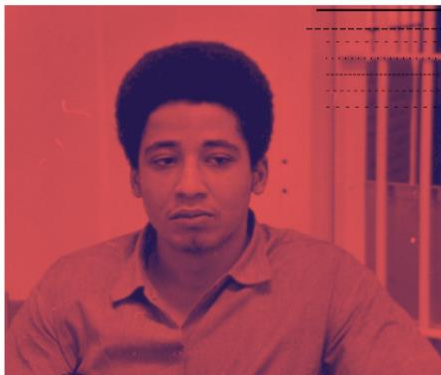
- 1. Tortura sendo realizada fora do alcance das câmeras por um plantão de da polícia penal, com socos e ameaças de morte a familiares dos internos. Tudo isso em pontos fora da visibilidade das câmeras.**
- 2. Visitas sendo humilhadas. Espaço para visitantes com crianças muito precário, sem ventilação.**
- 3. Materiais de higiene insuficientes. Um sabão de coco de lavar roupa e uma pasta de dente, ambos para um mês.**

Nesse sentido, o Desencadeia reforça a necessidade do atendimento das justas reivindicações de familiares e das pessoas privadas de liberdade contra a tortura e a violência praticada por agentes do Estado, uma realidade no sistema prisional cearense. Tortura até quando?

A Voz dos Presos Advogados convoca ações abolicionistas nos Estados Unidos

...existe nos Estados Unidos uma verdadeira indústria, muito forte, onde os presos são escravizados para dar lucro a empresas. No Brasil também temos uma situação parecida, porém não tão escancarada como nos Estados Unidos.

Existe, nos Estados Unidos, uma cultura de presos que estudam direito dentro das prisões e ajudam os outros internos como advogados, porém sem ter o diploma formal. Muitos desses presos advogados contribuem para a luta abolicionista, buscando a superação definitiva do sistema prisional em nossa sociedade.



George Jackson - Revolucionário Abolicionista

É o caso de George Jackson, que, preso em 1961 no Estado da Califórnia - Estados Unidos, virou uma referência na conscientização dos presos sobre a necessidade de lutar pela libertação dentro e fora das prisões. É inspirado em George que o grupo Voz dos Presos Advogados (Jailhouse Lawyers Speak) foi fundado em 2015 e até hoje permanece mobilizando atividades formativas de pressão contra a opressão dentro do sistema penitenciário americano e a sanha punitivista.

Neste ano, esta organização está convocando uma campanha, na semana de 6 a 13 de dezembro, para desmantelar o sistema de escravidão prisional que existe nos Estados Unidos. É exigido o fim da 13ª Emenda da constituição americana, que diz:

"Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado."

Nisso, existe nos Estados Unidos uma verdadeira indústria, muito forte, onde os presos são escravizados para dar lucro a empresas. No Brasil também temos uma situação parecida, porém não tão escancarada como nos Estados Unidos.

No Brasil, o artigo 5º da Constituição Federal afirma que não haverá penas de morte, salvo em caso de guerra declarada, de caráter perpétuo, de trabalho forçado, de banimento e cruéis. A Lei de Execuções (LEP) penais reconhece o trabalho do preso como obrigatório, porém não forçado. Algo que dá brecha para a utilização do trabalho como encurtamento da pena e progressão. Porém, a realidade é que as oportunidades são poucas e a maioria não é remunerada. As prisões brasileiras são lugares para mão-de-obra escravizada pelo punitivismo.

É importante aprender com o que esta acontecendo nos Estados Unidos para compreendemos que, mesmo diante de uma grande indústria da crueldade, é possível organizar resistências a partir da organização do povo. Seja lá ou aqui, vivemos em um mesmo sistema de exploração, seja dentro ou fora das grades.

Saudamos as atividades dos camaradas que estão tão distantes, mas também tão próximos por uma questão de classe e de raça. Desejamos acender e organizar a revolta e a indignação daqueles que sofrem nas prisões, para que sejam efetivas as paralisações dos locais de trabalho escravo aos quais os encarcerados e encarceradas estão submetidos.

Mais informações em:

<https://www.jailhouselawyerspeak.com/shutemdown>

**ABOLIR AS PRISÕES E A PROPRIEDADE PRIVADA!
TODO PRESO É UM PRESO POLÍTICO!**

CULTURA

Cárcere das Almas

Poesia de Cruz de Sousa

**Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.**

**Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as libertad
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.**

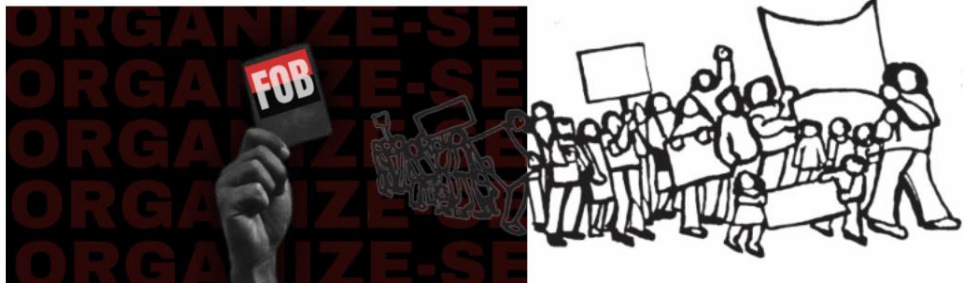
**Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!**

**Nesses silêncios solitários, graves,
Que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!**



Cruz e Sousa (1861-1898), nascido em Desterro (atual Florianópolis), Santa Catarina, foi um dos principais poetas simbolistas brasileiros. Sua obra é marcada por uma linguagem rica em metáforas, sinestésias e musicalidade, abordando temas como a morte, o sofrimento, e a busca por transcendência espiritual. Além de ser um inovador literário, enfrentou o racismo intenso da sociedade brasileira do século 19, destacando-se como um dos poucos escritores negros de sua época.

CONSTRUA A FOB CEARÁ



Quem não tem problemas? O povo tem aos montes! Por isso precisa se organizar para não ficar refém dos donos do poder. Os grandes empresários e governante sempre estão juntos arrumando um jeito de lucrar em cima de quem trabalha. Nós, do outro lado, vamos nos organizando sem depender deles ou querer disputar seus espaços. Na luta que fazemos hoje, construímos um futuro sem oprimido nem opressor. Somos a FOB – Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil.

Se você é uma pessoa do povo e acredita que unidos somos mais fortes, conte com a FOB para se organizar. São mais de 14 anos fortalecendo a luta dos explorados em locais de trabalho, estudo e moradia. Dentro da FOB, trabalhadores assalariados, autônomos, desempregados, trabalhadoras domésticas, inquilinos, estudantes, trabalhadores sem terra ou teto, camponeses, povos tradicionais e tantos outros se unem para resolver seus problemas em comunhão.

Formulário de filiação: LUTAFOB.ORG/ORGANIZE-SE

Instagram: [@lutafob.ce](https://www.instagram.com/lutafob.ce)

Email: lutafobce@protonmail.com



**Comissão
Abolicionista**



CEARÁ

A Revista DESENCADEIA é uma iniciativa da FOB CEARÁ e busca ser um gesto de solidariedade a todos os trabalhadores e trabalhadoras que sofrem com o maldito sistema penitenciário cearense.

O informativo, assim como toda ação da FOB CEARÁ, não é financiado por nenhum partido político, governante, parlamentar, empresa ou ONG. É fruto da união de trabalhadores e trabalhadoras organizados em seus locais de trabalho, estudo e moradia. Convidamos você a somar nesta iniciativa. Entre em contato.

Instagram: @lutaFOB.ce

Site: lutaFOB.org/fobce

E-mail: lutaFOBce@protonmail.com